

ASPECTOS CULTURAIS E IDENTITÁRIOS EM MACUNAÍMA DE MÁRIO DE ANDRADE

CULTURAL ASPECTS AND IDENTITY IN MACUNAÍMA MÁRIO DE ANDRADE

Vanessa Cristielen Ferreira Vieira.

Professora Especialista em História do Imaginário e Literatura.

vanessacristielen@hotmail.com.

RESUMO: Este artigo trata da complexidade da ideia de memória e nação, abordando esse campo de ideologias, geralmente históricos, dentro também de uma visão literária, nesse caso, a questão será enfatizada na obra, Macunaíma, de Mário de Andrade, que nos oferece dados sobre a possível construção de uma memória nacional levando em consideração também como se deu o processo histórico, político e social no período abrangido pela obra, além da forte discussão sobre os aspectos identitários presentes na obra. Nessa mesma perspectiva expomos os pontos chave da discussão, focando a amplitude que a temática nos possibilita e de maneira relevante discorremos sobre como a mesma poderá colaborar para o campo de estudo histórico e literário. Enfim, a principal ideia do trabalho é traçar um paralelo entre História e Literatura, tendo como intuito quebrar barreiras e refletir sobre a semelhança e necessidade que um possui do outro. Além disso, pretendemos demonstrar a incessante busca dos intelectuais brasileiros por uma formação da nacionalidade brasileira. Essa procura deu-se desde os primórdios da República no Brasil, passando por diversos momentos, chegando a Semana de Arte Moderna. No momento em que os modernistas desempenhavam os papéis de “descobridores” da nacionalidade, a arte foi tomada como fonte de união da brasilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Nação e Cultura.

ABSTRACT: This article discusses the complexity of the idea of nation and memory addressing this field of ideologies, usually historical, also within a literary vision, in which case the matter will be emphasized in the work, Macunaíma, Mário de Andrade, who offers us data on the possible construction of a national memory considering also how was the historical, political and social process in the period covered by the work, in addition to strong discussion about the identity aspects present in the work. By the same token we expose the key points of the discussion, focusing on the thematic breadth enables us and materially on about how it may contribute to the field of historical and literary study. Anyway, the main idea of this work is to draw a parallel between history and literature, with the aim to break barriers and reflect on the similarity and need that one has on the other. Furthermore, we intend to demonstrate the relentless pursuit of Brazilian intellectuals for training of Brazilian nationality. This search took place since the beginning of the Republic in Brazil, passing by several times, reaching the Week of Modern Art. At the moment the modernists played the roles of "discoverers" of nationality, the art was taken as a source of union Brazilianess.

KEYWORDS: Memory; Nation; Culture.

Ao trabalharmos com uma obra literária é pertinente que levemos em consideração que a mesma nos permite caminhar por campos diversos, nos dando oportunidade de crescermos e idealizarmos novos conceitos através de sua leitura. Por isso, cabe aqui ressaltar a produção de um trabalho monográfico, já realizado, sobre *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* de Mário de Andrade. A fim de seguir essa linha de pesquisa, procuramos estabelecer neste novo trabalho, leituras e aplicações teóricas ainda mais profundas, com intuito de enriquecer os conceitos anteriormente formados.

Iremos abordar a literatura como veículo para divulgar aspectos culturais que circundam um determinado contexto social, nesse âmbito devemos observar costumes e tradições, que fazem parte da vida dos personagens e que contribuem para a formação da identidade cultural, que caracteriza um povo e suas ideologias. Dessa forma, é possível pensarmos a literatura como um objeto de estudo que exterioriza diversos aspectos culturais e ideológicos. Para Samuel (1985) a literatura faz parte da cultura, na medida em que ela é o conjunto de ideias, costumes de determinadas sociedades que são herdados e definem a maneira de viver dos indivíduos.

Inúmeras foram as representações que permearam o imaginário a respeito do brasileiro e do Brasil, ao longo da história. Desde o século XIX, notamos no Brasil a tentativa de uma visualização da nação. Essa construção deveria ir além do progresso e do crescimento econômico, precisava buscar seu conhecimento próprio. Seria “impossível pensar uma nação com identidade própria sem pensar nas origens e no povo que a formavam, enfim, na sua história, nos seus mitos e nas suas origens”. (NAXARA, 1998. p. 38).

Havia uma preocupação em identificar as raízes de um povo brasileiro que não se constituísse somente usando o do outro, mas sim uma gente que também fosse próprio de suas características.

Partindo das definições apresentadas, entendemos que a formação social de um povo se destaca dos mais variados tipos de costumes que o ser humano pode produzir no decorrer de sua história. História essa que faz parte de todo o desenvolvimento de cada ser, que consiste em como foi criado, tomando como princípio seus costumes religiosos, tradições sociais, alimentares, vestimentas, sexuais, entre vários outros aspectos que designam a reconhecimento social de alguém e como este também se identifica. Assim nas palavras de Eco (2004, p. 25): “cada um se identifica com a cultura em que cresceu [...]”.

É pertinente colocar que a cultura não é algo que emerge do ser humano por um simples acaso, mas sim através aspectos construídos através de valores que perpassam por uma história e sempre terá marcas relativas ao nosso passado, possuímos raízes genealógicas, que independente das transformações que passemos, sempre estarão impregnadas no nosso íntimo, como a força mais natural que possa existir no ser humano. Diante disso, Hall afirma que: “[...] as identidades parecem invocar uma origem que residirá em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência [...]” (2009, p. 108).

Embora reafirmemos aqui a existência de um vínculo histórico cultural que passa de geração a geração, não podemos deixar de estabelecer, nesse contexto, as transformações pelas quais um indivíduo naturalmente passa e que devem ser consideradas, pois afetam sua cultura, identidade, tanto social como ideológica, embora não possamos generalizá-las, tendo em vista que o termo transformação não implica extinção. Podemos, então, pressupor que a identidade cultural é flexível, mas não se desprende de suas origens. Novamente com Hall: “As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”. (2009, p. 108).

O ser brasileiro não conferia orgulho, nem identidade. Descrito pela elite, o Brasil não tinha “povo”. A nação era vista a partir de um olhar estrangeiro e dirigido para o alto. Esse grupo via os subalternos de fora, “imersos nas sombras da pobreza e da miséria, esmagados pelo peso do trabalho escravo, feios, incapazes de constituir o povo de uma nação”. (NAXARA, 1998. p. 39). Desse modo, encontrar uma forma de constituir uma nação, com identidade própria tornou-se uma tarefa complexa em meio às contradições brasileiras. O Brasil seria um país sem face, sem identidade. Onde se procurou homogeneidade, encontrou-se sempre o negativo, a diversidade.

Para alguns intelectuais, o grande problema do Brasil estava representado pela base racial: a nação só poderia se constituir quando o povo fosse substituído¹. Teses como o determinismo racial e climático, que enfatizam dimensões culturais do passado nacional e da organização da sociedade, eram recorrentes nesse período histórico do país.

Uma das primeiras manifestações a contribuir para o conhecimento do Brasil, segundo Naxara (1998), foi a literatura, ainda que de forma altamente intuitiva. De início esta exaltou a natureza brasileira e o índio (imagem do grande expoente do que era essencialmente nacional). Depois voltou-se para o caboclo. (...) Existia uma visão idílica sobre as regiões

interioranas do Brasil e de seus habitantes. Pensado de diversas formas, o brasileiro se transformou em algo de difícil definição. Uns buscavam traços comuns que levassem a uma identidade enquanto outros afirmavam a diversidade como reforça Bosi (1992, p. 1), “[a] tradição da nossa Antropofagia Cultural já fazia uma repartição do Brasil e culturas aplicando-lhes um critério racial: cultura indígena, cultura negra, cultura branca, culturas mestiças.”

Em busca de uma figura para o nacional, um dos maiores expoentes foi Monteiro Lobato ao criar o personagem Jeca Tatu. Criado em 1914, a primeira descrição desse personagem veio de encontro com as representações que permeavam o imaginário acerca do brasileiro. (LOBATO apud NAXARA, 1998).

Logo após Monteiro Lobato se engajar na campanha sanitária (por volta de 1916 a 1923), a imagem do Jeca Tatu ganhou novas roupagens, onde seus males (os males da população brasileira) era uma questão de saúde e deveria ser resolvida pelo saneamento, pela educação básica e, portanto, pela política. No entanto, a figura que permaneceu foi a do Jeca Tatu opilado. Esta era a imagem que ia ao encontro da realidade das pessoas.

A história também ganhou grandes heróis para a nação, os quais deveriam ser consagrados. A figura do bandeirante emergiu como delator incansável das fronteiras. Eles foram escolhidos para representar o modelo exemplar que enfeixava as virtudes de diferentes heróis, repousados na origem da nação. Através da figura dos bandeirantes, os paulistas se consideravam os dirigentes que pretendiam elevar aos brasileiros a nacionalidade que lhes faltavam.

Semana de Arte Moderna: Um desejo de atualização

A formação estética europeia, por muito tempo, foi um fator comum entre os artistas brasileiros. As “vanguardas históricas”, do início do século XX, surgidas na Europa, concederam as bases necessárias ao modernismo paulistano. Segundo Rezende (1993), os modernistas queriam combater as fórmulas da arte importadas com novas correntes igualmente importadas, assim como afirma Rezende:

[D]e que essas fórmulas importadas incidiam primordialmente na técnica da linguagem e permitiam um acesso livre e criativo à matéria que a consubstanciava,

propiciando ao artista uma expressão individual e autônoma. (REZENDE, 1993, p. 68)

Em seu desejo de atualização, os modernistas vão falar de tudo que os rodeiam, que está voltado para o seu cotidiano, com uma relação de significação com a realidade presente. Estes viram a possibilidade, como afirma Rezende (1993), de falar do mundo em que viviam com instrumentos adequados e correlatos. Após a Semana de Arte Moderna, o movimento modernista passa a sistematizar as propostas e experimentá-las.

141

Segundo Mário de Andrade, a “realidade que o movimento modernista impôs” era caracterizada pela “fusão de três princípios fundamentais: o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional”. (ANDRADE apud REZENDE, 1993, p. 73).

Não podemos deixar de ressaltar a fase nacionalista do movimento, o Movimento Pau-Brasil, onde propôs a volta às origens e às características brasileiras, tendo Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Mário de Andrade na linha de frente.

Sem dúvida, Mário de Andrade foi a figura chave do movimento modernista, participando da Semana de Arte Moderna. Com determinação própria dos líderes que visam a implantar uma nova consciência, ele multiplicou-se em músico, pesquisador de etnografia e folclore, poeta, contista, romancista, crítico de todas as artes, correspondente cultural, além de ter ocupado cargos na burocracia estatal, ligados ao desenvolvimento da cultura em geral.

Enquanto viveu, ele lutou pela arte com seu estilo de escrita puro e verdadeiro. Certo de que a inteligência brasileira necessitava de atualização, este escritor modernista nunca abandonou suas maiores virtudes: a consciência artística e a dignidade intelectual.

Foram de sua autoria os versos de Paulicéia Desvairada, considerada o marco inicial da poesia modernista no Brasil. Outra obra que se destacou por sua contribuição ao movimento modernista foi o livro *Macunaíma*, romance no qual é mostrado um herói que tem as qualidades e defeitos de um brasileiro comum. A história do “herói sem nenhum caráter” é composta da reunião de lendas e mitos indígenas.

Tomando por base o contexto relatado vale enfatizar a obra, *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* de Mário de Andrade, uma vez que o romance foi escrito nesse período de busca pela essência brasileira. Mário de Andrade por sua vez fez uma abordagem da diversidade cultural de um povo, a própria narrativa rompe com os costumes e tradições da

época. Em Macunaíma, podemos notar essa exaltação cultural, que revoluciona a Literatura, pois, através dela, Macunaíma é uma obra que enfrenta os costumes culturais desse período, uma vez que Mário de Andrade abandona o costume de seguir os modelos europeus nas obras literárias. Esse ponto de vista se reforça a partir do relato de Nath:

O autor pretendia criar uma obra revolucionária que desafiasse o sistema cultural vigente, ao propor uma nova linguagem literária que descrevesse a essência cultural do povo brasileiro, ao retomar fábulas, lendas, crendices, tradições de diversas regiões brasileiras, estaria rompendo com os modelos socioculturais e econômicos europeus passando a valorizar e exaltar a cultura nacional. (2009, p. 02).

Tendo como base a questão cultural como os valores de uma sociedade, é importante citarmos a abordagem da obra em relação ao índio e ao nacionalismo brasileiro, enfatizando vários aspectos inseridos nessa nação. As menções de atitudes, ideologias e situações vividas pelo personagem, Macunaíma, nos remete a uma memória nacional brasileira, como explica Queiroz (2009, p. 47): “[...] e a aparente ausência de caráter do herói expressa, na verdade, um caráter sobre-humano que agrupa em si vários perfis e personagens do cenário nacional.”.

Nesse contexto, Mário de Andrade busca representar a cultura mãe do personagem, tornando-o semelhante ao brasileiro, fama de malandro, preguiçoso, como no trecho seguinte: (ANDRADE, 2004, P. 26) “Ai que preguiça!... que o herói suspirava enfarado.”.

Importa, então, destacar que vamos perceber no personagem Macunaíma, diversas concepções culturais, que dizem respeito a costumes, tradições, linguagem, nesse caso, cantigas infantis, que rememoram a infância de uma criança brasileira. Observemos os trechos que se seguem:

Era uma vez uma vaca amarela, quem falar primeiro come a bosta dela! Dem-de-lem chegou! ANDRADE (2004, p.133).
Bão-ba-lão
Senhor capitão
Espada na cinta
Ginete na mão! ANDRADE (2004,p.129).

Aqui o autor se refere a algumas cantigas tipicamente cantadas no folclore brasileiro, esses costumes são retratados na obra como parte dos valores culturais de

Macunaíma, assim como o uso de uma linguagem de ditados populares particularmente brasileiros.

É importante entender que, ao fazer uma abordagem da diversidade cultural de um povo, nesse caso, brasileiro, a própria narrativa rompe com os costumes e tradições da época. Mário de Andrade tinha o objetivo de explorar e demonstrar as formas pelas quais os brasileiros se caracterizavam culturalmente falando, demonstrando seus conceitos através do Folclore desse povo e o mais importante, sua independência identitária, a diversidade da gente brasileira acabou por ser a marca da sua identificação nacional. Para Mário de Andrade apud Brandão (2008), o folclore seria nada menos que a expressão maior de nossa brasilidade e elemento decisivo de formulação de um ideal de cultura e identidade nacional.

É notório, até mesmo na produção da obra literária, que havia uma preocupação em estabelecer uma identidade própria para o povo brasileiro, deixando assim de ser considerado um povo sem cultura, regido pelos colonizadores, ideia que contraria o conceito de Brandão (2008 p. 33): “Nada mais errado do que dizer: ‘esse homem não tem cultura nenhuma’.” A esse respeito, é importante pensarmos que independente dos processos históricos, cultura e a identidade são conceitos também estabelecidos pela maneira de pensar, ideologias construídas a partir de experiências, logo, não podemos afirmar que a submissão de um povo a outro interfere totalmente em seus aspectos culturais, pois somos seres humanos providos de escolhas, temos o poder de concordar ou não com os pensamentos do outro. Dessa maneira não somos frutos de uma única cultura, e recorremos a Brandão (2008) para mostrar que a cultura é um conjunto diverso, múltiplo de maneiras de produzir sentido, uma infinidade de formas de ser, de viver, de pensar, de sentir, de falar, de produzir e expressar saberes, não existindo, por conta disso, uma só cultura.

Essa gama de características deve ser analisada de maneira coletiva, uma vez que a identidade de um meio social é construída por meio do contato ou analogia feita com o outro, daí o conceito do que diferente ou semelhante, se formar a partir da observação do que é alheio. Para Woodward:

A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades (na afirmação das identidades nacionais, por exemplo, os sistemas representacionais que marcam a diferença podem incluir um uniforme, uma bandeira nacional ou mesmo os cigarros que são fumados). (2009, p. 14).

Nesse aspecto, devemos considerar tudo o que se torna relevante na relação social estabelecida entre cada indivíduo e os hábitos de seu grupo. Para o autor nós nos reconhecemos nos identificamos quando estamos em contato com pessoas contraditórias a nós mesmos, a capacidade do ser humano de se diferenciar de outras espécies é justamente a de possuir cultura, sermos racionais e conseguirmos transformar o meio em vivemos. Nossa vida é um grande processo de aprendizado, a interação e as reflexões que fazemos entre nós mesmos ou com o outro.

Ora, quase tudo o que constitui uma entre as muitas e muitas culturas humanas envolve aquilo através do que nós aprendemos uns com os outros. E, assim aprendendo e co- aprendendo, pensamos, dizemos e nos comunicamos. Desta forma a cultura está presente nas maneiras como criamos: entre nós mesmos, sobre nós mesmos e para nós mesmos, as palavras, as idéias, as crenças e as fábulas a respeito de quem nós somos; porque somos quem somos; de como devemos ser uns com os outros, e com os outros que não são como nós. (2008, P.32).

Em Macunaíma esse processo de interação, ocorre por meio da antropofagia, á primeira vista tem-se a ideia de canibalismo entre seres humanos, mas em um contexto literário, mais especificamente modernista, esse conceito se amplia, para compreendermos melhor, Almeida nos destaca:

A respeito dessa simbologia [...] que o gesto antropofágico pode ser considerado uma metáfora orgânica, inspirada na cerimônia guerreira dos tupis, englobando o que poderíamos abandonar, assimilar e superar para conquistar a nossa autonomia intelectual. Uma metáfora diagnóstico da sociedade traumatizada pela repressão colonizadora que lhe condicionou o crescimento, e cujo modelo terá sido a repressão da própria antropofagia ritual pelos jesuítas e a metáfora terapêutica, por meio da reação violenta sob forma de ataque verbal aos mecanismos sociais, artísticos e políticos até a primeira década do século XX. (2001, p. 03).

A antropofagia ocorre durante toda a história, o próprio título da obra nos descarta uma definição de caráter para o personagem: *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Quando se refere à língua, à linguagem usada por Macunaíma, não podemos nos esquecer de relatar que a personagem mente com naturalidade, utiliza palavrões, não possui uma única religião, representando assim a heterogeneidade da cultura brasileira. Como diz Mindlin citado por Almeida (2001, p. 03). “Sobre esta transformação e desnudamento da identidade nacional, o que fizeram com o povo indígena foi uma aculturação, ou seja, destituíram-lhes os

costumes a fim de imbuir-lhes a cultura estrangeira sob um processo de dominação.” Talvez isso seja aquilo que Bosi define como inconformismo cultural.

Seguindo a ideia de que a antropofagia cultural ocorre por meio da absorção de traços culturais distintos, então há uma fusão das características de alguns valores culturais. A construção da personagem criada por Mário de Andrade enfatiza essa mesclagem de culturas pelo fato de o herói se aventurar pelas diferentes regiões do Brasil, como se a narrativa fosse uma odisseia cultural, além disso, o personagem vai transformando sua postura, enquanto ser, devido a esses novos contatos.

O protagonista da obra nos proporciona uma rememoração dos aspectos sociais, políticos e culturais brasileiros, tornando-os mais próximos da nossa contemporaneidade. Além das características psicológicas e físicas, Mário de Andrade remonta todo um cenário natural do Brasil abordando cidades e lugares situados no país, como preceitua Nath (2009, p. 10):

O herói, representante de nossa gente, representa um herói possessivo, individualista, considerando este último aspecto como fator preponderante do espírito capitalista que naquele momento histórico se apossava da população. Macunaíma busca apenas benefícios próprios, lucratividade, representando assim uma alegoria quanto ao cenário político-econômico do Brasil [...] o protagonista apresenta todos os problemas da sociedade brasileira [...].

Seguindo a ideia da autora, Macunaíma não é simplesmente um personagem que vive uma história, mas sim um herói que representa da cultura brasileira naquele período, tornando possível nessa situação uma rememoração da situação vivida pelo povo brasileiro e todas as características que os mesmos possuíam na época.

Enfim tratar da complexidade de memória e nação não se trata somente de fazer simples definições, mas sim procurar compreender essa temática de forma reflexiva e crítica, e é dessa maneira que a obra, Macunaíma, corrobora com a discussão aqui exposta. Acreditamos que a intenção do autor é a de defender as raízes brasileiras, não excluindo nem mesmo os aspectos negativos das mesmas. Nesse contexto, procuramos estabelecer sempre um paralelo entre a obra em questão e o processo histórico nela apresentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento gostaríamos de destacar as conclusões em que chegamos acerca de toda pesquisa realizada. Primeiramente é interessante ressaltar as intenções de Mário de

Andrade enquanto idealizador das vanguardas modernistas, que revolucionam o campo da literatura em seu contexto histórico e produtor de uma obra que aborda um tema livremente entre a questão social e cultural, não deixando de enfatizar a modernização da literatura. Acreditamos que o principal intuito do autor é defender a cultura brasileira, sempre evidenciado o ponto de vista de que o Brasil mesmo sofrendo as influências da colonização, modernização tem suas raízes plantadas.

A partir dessa associação que a obra Macunaíma divulga, a miscigenação da cultura do brasileiro é vista por dois conceitos, a de que o Brasil possui suas próprias raízes, devido à presença da cultura indígena antes da colonização com todas suas tradições, obediência as crenças do povo, enfim uma sociedade em que havia padrões de vida social criada por eles próprios, o que demonstra que o brasileiro não é um povo sem cultura e muito menos é um produto de uma cultura alheia.

Por outro lado Mário de Andrade também não deixa de se referir e associar as transformações sofridas por Macunaíma como consequência de um contato com uma cultura nova, nesse caso a europeia. Embora essas ideias sejam abordadas e consideradas, acreditamos que a essência cultural de um indivíduo possui uma força maior perante as modificações que podem ocorrer em um grupo social.

As múltiplas faces do nosso herói são enfatizadas, tornando-o um ser antropofágico culturalmente, é fato que Macunaíma em sua trajetória absorve valores distintos, esse processo se dá devido aos vários contatos que o personagem tem com as regiões exploradas por ele.

As características marcantes de Macunaíma são semelhantes aos costumes da sociedade brasileira, isso se comprova à medida que o romance demonstra preocupação em enfatizar situações presentes no folclore brasileiro, além de Macunaíma ter um comportamento peculiar como a esperteza e a preguiça, consideradas típicas da nossa nação.

A partir de todos esses levantamentos e contrariando a ideia de Ecléia Bosi citada por Machado quando afirma que: “O desenraizamento é a mais perigosa doença que atinge a cultura”, é que defendemos o conceito de que todo ser possui cultura e sempre carrega sua verdadeira essência, não é possível haver um rompimento total com a cultura materna, mesmo que haja inovações através de novos conceitos, as raízes de uma cultura sempre prevalecem na natureza de cada ser.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, o trabalho oferece abertura a novas visões críticas em relação ao tema pesquisado.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 33. ed. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2004.

BOSI, A. *Cultura brasileira e culturas brasileiras*. In: _____ *Dialética da Colonização*. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 308-345.

CAMARGO, Aspásia et. Alli. *O Golpe Silencioso: As Origens da República Corporativista*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1989. p. 9-64.

DRUMMOND, Jose Augusto. *O Movimento Tenentista: a intervenção militar e conflito hierárquico (1922-1935)*. Rio de Janeiro, Graal, 1986.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: História e Historiografia*. 16ed.das Letras, 1997.

GOMES, Ângela de Castro. *Confronto e Compromisso no Processo de Constitucionalização (1930- 1935)*. In: Boris Fausto (org). *O Brasil Republicano. História Geral da Civilização Brasileira*. 3ed. São Paulo: Difel, 1986. Vol 10. p. 7-75.

HALL, Stuart. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. In: SILVA, Tomaz Tadeu; WOODWARD, Kathryn (orgs). 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República*. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.

LUCA, Tânia Regina de. *A revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999, p. 62.

MORAES, Eduardo Jardim de. *Modernismo Revistado*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1(2): p.221.

MOTTA, Marly Silva da. *1922: em busca da cabeça do Brasil Moderno*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1994.

NATH, Silvana. *Macunaíma: entre a carnavalização e o fantástico*. Maringá. 24 a 27 de junho. Disponível em: <http://www.cieli.com.br>. Acesso em: 06.ago. 2011.

NAXARA, M. *Estrangeiro em sua própria terra – Representações do brasileiro 1870/1920*. São Paulo: Anna Blume / FAPESP, 1998.

QUEIROZ, J.M.C. *Macunaíma, signo e cordialidade brasileira*. Disponível em: <www.revlet.com.br/artigos/40.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2011.

REZENDE, Neide. *A semana de arte moderna*. São Paulo: Ática, 1993.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo brasileiro*. 11° ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.